



# **UNILAB**

**Universidade da Integração Internacional  
da Lusofonia Afro-Brasileira**

**Instituto de Humanidades e Letras**

**Curso de Bacharelado em Humanidades**

**A PROMOÇÃO DO DEBATE EM TORNO DAS MASCULINIDADES POSITIVAS  
COMO AÇÃO DE ENFRENTAMENTO ÀS VIOLÊNCIAS CONTRA AS MULHERES  
E AS MINORIAS SEXUAIS**

**SAMYLO DE ANDRADE SILVA**

REDENÇÃO-CE

Outubro de 2017

SAMYLO DE ANDRADE SILVA

A PROMOÇÃO DO DEBATE EM TORNO DAS MASCULINIDADES POSITIVAS  
COMO AÇÃO DE ENFRENTAMENTO ÀS VIOLÊNCIAS CONTRA AS MULHERES E  
AS MINORIAS SEXUAIS

Projeto de pesquisa apresentado ao Curso de Bacharelado em Humanidades, da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira, como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Humanidades.

Orientador: Prof. Dr. Francisco Vitor Macêdo Pereira

Redenção-CE

Outubro de 2017

---

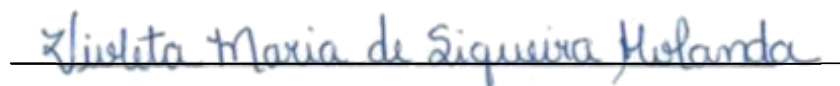
Monografia apresentada em 24/11/2017

Aprovada com o conceito 10,0



---

Orientador Prof. Dr. Francisco Vítor Macêdo Pereira (UNILAB)



---

1ª Examinadora Profa. Dra. Maria Violeta de Siqueira Holanda (UNILAB)



---

2º Examinador Prof. Dr. Carlos Eduardo Bezerra (UNILAB)

## **Sumário**

|                                        |           |
|----------------------------------------|-----------|
| <b>1. Introdução .....</b>             | <b>5</b>  |
| <b>2. Justificativa .....</b>          | <b>6</b>  |
| <b>3. Objetivos.....</b>               | <b>10</b> |
| 3.1 Objetivo Geral .....               | 10        |
| 3.2 Objetivos Específicos .....        | 10        |
| <b>4. Fundamentação Teórica .....</b>  | <b>11</b> |
| <b>5. Metodologia da Pesquisa.....</b> | <b>23</b> |
| <b>6. Cronograma .....</b>             | <b>27</b> |
| <b>7. Referências .....</b>            | <b>28</b> |

## **1. INTRODUÇÃO**

A igualdade de gênero e o empoderamento das mulheres são uma exigência ética inadiável de praticamente todas as sociedades na atualidade. Correspondem a um desafio político global para envolver também homens e meninos na remoção das barreiras sociais e culturais as quais impedem que as mulheres atinjam todo o seu potencial, e que a elas seja reconhecida e proporcionada a mesma humanidade dos homens. Ajudar homens e mulheres a modelarem, junta(o)s, novas e mais humanizadas relações e sociedades - sem tantas injustiças, violências e desigualdades essenciais - requer, no entanto, diversas e progressistas abordagens políticas e educacionais. Isso a se dar de modo a que se reconheçam e se promovam, inclusivamente, ao lado do protagonismo das mulheres em sua luta histórica por igualdade de gênero, os papéis fundamentais também de homens e meninos como parceiros dos/nos direitos das mulheres - especificamente como detentores de necessidades próprias na obtenção e efetivação desse equilíbrio.

Nesse sentido, no que confere ao alcance da igualdade de gênero, homens e meninos devem se tornar parceiros igualitários na elaboração e implementação de uma visão comum de justiça histórica, política e social com as mulheres, e também com todas as minorias sexuais: numa disposição de consciência e atitude que beneficie toda a humanidade - sem mais valores, dispositivos, sistemas, efeitos, padrões e comportamentos morais e hierárquicos de sustentação e reprodução de privilégios e supremacismos masculinos.

Na construção do (re)dimensionamento local e necessário dessa consciência - ainda nova - e de suas proposições em compromisso com o combate das desigualdades essenciais de gênero, nos dispomos presentemente em contribuir com a promoção e o fomento de debates e ações em torno da necessidade de formação a respeito de novas atitudes e comportamentos masculinos positivos, ou não tóxicos, especificamente em suas relações cotidianas com as mulheres e as minorias sexuais. Assumimos esse objetivo como forma específica de ação para o combate das desigualdades de gênero e de suas conseqüentes e diversas violências, desrespeitos, preconceitos e discriminações - notadamente no âmbito da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira e da base de seu território no Maciço de Baturité-CE.

## **2. JUSTIFICATIVA**

Desde criança, convivi em um ambiente familiar no qual há muitas mulheres e percebi, desde sempre, que os homens de minha comunidade não realizavam quaisquer atividades domésticas. Ouvia-lhes peremptoriamente afirmar que *o serviço de casa era só para as mulheres...* e os que *se submetessem a realizar afazeres domésticos eram vistos como mulherzinhas*. Morei toda a infância em uma serra, onde a alimentação da família provinha quase que inteiramente da agricultura, e percebia, por outro lado, que, dos trabalhos do roçado, *todas e todos tinham de igualmente participar*. Ou seja, homens e mulheres iam junto(a)s para a roça, nas mesmas e compartilhadas atividades. Neste ponto, então, eu já me questionava: por que as mulheres podiam trabalhar na roça e os homens não podiam realizar nenhuma das atividades domésticas?

Cursando o Bacharelado em Humanidades na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira, tive a oportunidade de conhecer e discutir diversos temas e conteúdos que problematizam e debatem acerca das violências e abusos de gênero contra as mulheres e as minorias sexuais, e isso aumentou consideravelmente a minha reflexão crítica a respeito da extensão ofensiva e do potencial agressivo que atitudes e posições machistas - às vezes aparentemente simples e sem importância - podem alcançar em prejuízo material e simbólico da vida das mulheres, e de todo(a)s o(a)s que performam papéis ou identidades de gênero não-masculinos.

Pude, por intermédio desses estudos, nos quais tive contato com produções de autoras como Butler (2015), Louro (1997), Saffioti (2001) e Grossi (1994), compreender ainda como a formação cultural de identidades hegemônicas de gênero e sexualidades se baseiam e se reproduzem em representações essenciais de exclusão e enquadramento hierárquico-funcional. Diante de todas as injustiças e opressões históricas de gênero que passei a perceber, quis então me engajar nesse debate e discussão de ideias, a propósito de lutas e ativismos em defesa dos direitos das mulheres e das minorias sexuais. Não demorou, contudo, para que compreendesse que o meu lugar de fala e de atuação política não poderia ser - ética e existencialmente - nem o flanco dos grupos feministas nem o dos LGBTTs, haja vista que subjetivamente o que em mim promovia estranhamento e questionamento era o fato das exigências de rispidez e brutalidade que as performances de gênero masculino sobrepujavam à minha subjetividade - preponderante de homem cis e heterossexual.

Perguntava-me, então, por que a sociedade me exigia que convalidasse - em diversas situações de opressão contra as mulheres e as minorias sexuais - *o meu privilégio de ser homem*? Percebi, então, que os mesmos expedientes de forças, poderes e controles que me

exigiam a constante renovação *da minha licença de masculinidade*, me remetiam posicionalmente à condição de opressor ou de reprodutor de desigualdades dicotômicas e essenciais - e que, agora, como estudioso, eu não teria senão como honestamente exercer a autocrítica dessa minha masculinidade tóxica, e reconhecê-la como agência de autoridade e coação específica em diminuição das mulheres e de todo(a)s os que não endossassem, nos corpos e nas identidades com os quais convivia, performances hegemônicas de gênero.

Percebi, por último, que não tinha eu a condição ética e existencial indispensável de exercer honestamente a crítica, de empunhar a bandeira, dos problemas e das lutas das mulheres, sequer de falar em seu favor ou ao seu lado - uma vez que os meus próprios modos e comportamentos de vida - os quais eu, inconsequente e inconscientemente, atuava e corporificava - traduziam-se, em si, *em mim*, como agentes autônomos de sucessão das opressões e delimitações do feminino: como *objeto ideal de afeição, disposição, convolação e serviço à minha masculinidade e às suas exigências*.

No curso de formação de *Delegadas e delegados dos Direitos Humanos*, promovido e oferecido pelo Núcleo de Políticas de Gênero e Sexualidades da UNILAB - do qual participei no ano de 2015 -, pude trazer algumas dessas minhas inquietações e reflexões para o meu agora orientador, justamente a respeito das especificidades e da titularidade dos direitos das mulheres e das populações LGBTT no combate às violências de gênero. Ele, então, me proporcionou a compreensão - ora definitiva - para a elucidação do meu objeto nessa pesquisa, que atualmente se desenha na perspectiva do seguinte entendimento:

O lugar de onde o sujeito masculino, cisgênero, afinado com a sua heterossexualidade, deve partir para desenvolver a sua pesquisa sobre desigualdade de gênero - em superação política das violências contras as mulheres e as minorias sexuais - é o da *necessidade de promoção de novas masculinidades*: não agressivas ou não tóxicas com relação a essas mulheres e minorias. Trata-se de um lugar ou de uma posição que distingue, precisamente, que devem ser elas mesmas - essas mulheres e minorias sexuais - as que têm de lutar e resistir contra as violências e opressões de gênero sexistas em nossas sociedades.

O homem positivo - que pesquisa gênero e que apoia as lutas das mulheres e das minorias sexuais - é, por isso, socialmente responsável em ombreá-las em suas postulações por emancipação e equidade de gênero, mas não pode assumir os seus *fronts* ou linhas de frente. Ele assume uma postura que, enfim, reconhece a extensão de todos os danos do patriarcalismo e do machismo: como condições históricas e culturais da maioria de nossas

sociedades no presente - as quais seguem, sob diversos aspectos, praticando e autorizando violências e exclusões de gênero contra as mulheres e as minorias sexuais. Entretanto, sabe, por igual, que - historicamente - não haverá nenhuma solução ou composição definitiva desses problemas de gênero que parta ou se proponha originalmente sob a formulação de assinaturas masculinas.

Compreendi, por último, que a dos homens positivos jamais deve ser diretamente *a voz em defesa das mulheres* - a destacar e a falar sobre a violência *que elas sofrem* apenas por simpatia, comoção, humanidade ou solidariedade, e que os pesquisadores homens das questões de gênero, notadamente os cisgêneros heterossexuais e bissexuais, não devem igualmente circunstanciar os seus objetos de estudo - sobre gênero, violência e sexualidade - senão como questões de causas, efeitos e consequências sociais, NUNCA COMO ALGO PESSOAL: porque, afinal de contas, eles já vestem o lado privilegiado do dominó.

Sob essa orientação, fui então buscar compreender o que, de fato, haveria de novas masculinidades - *de tipo positivas ou não tóxicas*. Sentia que havia ali algo com que me identificava, mas que não sabia o que era, ou no que precisamente consistia. A partir da leitura e discussão do texto *Nuevas masculinidades positivas*, do pesquisador venezuelano António Boscán Leal (2012), fui me dando conta de que as masculinidades positivas podem ser aquelas que se diferenciam e que negam sistematicamente todas as formas e consequências de expressões e reproduções dos machismos, sexismos e misoginias - que tradicionalmente oprimem, violam e coisificam as mulheres às regras e imposições de um mundo masculinista e patriarcal em nossas sociedades.

Com este trabalho de levantamento teórico sobre o debate em torno das masculinidades positivas, como forma específica de atuação dos homens no combate à violência contra as mulheres e as minorias sexuais, e em demanda de mais justiça social, compreendi a importância, tanto em contextos institucionais e sociais mais amplos, quanto em casa, de se investir - autocriticamente - na discussão a respeito da extensão dos danos e dos prejuízos sociais causados na sustentação da continuidade de concessões e privilégios machistas em nosso cotidiano.

Como consecução do resultado desse amadurecimento político, social, intelectual e pessoal, a contribuição dessa pesquisa almeja a promoção sistemática do debate acerca das masculinidades positivas ou não tóxicas: como atuação política imprescindível de combate específico às diversas formas de violências contra as mulheres e as minorias sexuais -



notadamente no foro da atuação política de formação, conscientização e militância do Núcleo de Políticas de Gênero e Sexualidades, da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira - NPGS/UNILAB.

A proposta de estudo e formação sobre a temática das masculinidades positivas se desdobra, então, em participação e consonância com a atualização das pautas e agendas - de ações e intervenções - do NPGS/UNILAB, e também do Comitê Gestor de Direitos Humanos da UNILAB, junto aos seus diversos públicos e parcerias - notadamente as instituições educacionais, as instâncias e as autoridades locais de políticas públicas de planejamento e gestão e as comunidades, em geral, do território do Maciço de Baturité-CE: para a promoção articulada, estratégica e compartilhada das lutas pela igualdade de gênero e para o enfrentamento político de todas as formas de violência, opressão, exploração e abuso contra as mulheres e as minorias sexuais.

No que nos toca, apostamos na promoção da educação e da auto reflexão *para a humanização cidadã de homens de todos os tipos* - os quais, em sua maioria, são inconsequentemente *machistas e inertes* porque mergulhados ainda na tradição autômata de costumes e práticas *essencialmente patriarcais e hierárquicos*. Assumimos, como constatação, a compreensão crítica e atitudinal de que *essa tradição* tem, material e historicamente, usurpado das mulheres - à revelia de todas as suas lutas e resistências - a prática cultural igualitária de políticas, benefícios e oportunidades em nossas sociedades, ao mesmo tempo em que tem produzido a fragilização, a inconsciência e a toxicidade de nossas masculinidades.

Imbuídos dessa visão e desse sentimento, propomos a nossa *pesquisa-ação*, justificada na constatação de que as masculinidades machistas, frágeis e tóxicas - que mentem, enganam e se aproveitam dos corpos de mulheres e LGBTTs, para o seu utilitário prazer e confirmação indulgente à sua submissão (incluídos estupros, assédios e agressões de toda ordem) não têm mais cabida em sociedades que progressistamente propugnem por mais igualdade e justiça cidadã. Acreditamos que é para o combate e o desmonte desse tipo de masculinidades machistas e patriarcais que os estudos de gênero contribuem.

### 3. OBJETIVOS

#### OBJETIVO GERAL

Promover e fomentar, notadamente no meio acadêmico-institucional - entre o público de estudantes, docentes, pesquisadore(a)s, agentes público(a)s, de conselhos e representantes de entidades e classes -, especialmente através do engajamento nas agendas do Núcleo de Políticas de Gênero e Sexualidades (NPGS) e do Comitê Gestor de Direitos Humanos (CGDH), da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira, sobretudo no que concerne as suas atuações e pautas na região do Maciço de Baturité-CE, *a ação do debate e da disseminação a respeito das ideias e das disposições de masculinidades positivas ou não tóxicas*, como medida política de efetivo enfrentamento das desigualdades de gênero e de suas decorrentes e diversas formas de violências contra as mulheres e as minorias sexuais.

#### OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Compor, como membro efetivo e participante de suas agendas, pautas, eventos e programações, a atuação e a articulação - direta ou indireta - nas atividades de pesquisa, extensão, formação e militância do Núcleo de Políticas de Gênero e Sexualidades (NPGS), bem como do Comitê Gestor de Direitos Humanos (CGDH), da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira.

Promover, junto às ações do NPGS/UNILAB e do CGDH/UNILAB, palestras, debates e formações, junto aos diversos públicos, a propósito das ideias e das disposições de atitudes para a promoção e a adoção de *masculinidades positivas ou não tóxicas* - como exigência prática e atitudinal para o enfrentamento das desigualdades e das violências de gênero na região do Maciço de Baturité-CE.

#### 4. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Por certo que, desde pequenos, os meninos são imbuídos da necessidade de demonstrar sua masculinidade, sua identidade de homens viris - a quem se deve a mercê dos benefícios e dos acessos ao controle e à dominação política, econômica, moral e científica da realidade. Todo o investimento masculinista da ordem produtiva de desigualdades essenciais segue sustentando, de modo regular e residual, a formação subjetiva - fundamentalmente patriarcal - do presente, incapazes que ainda somos de existencialmente negar as necessidades estruturais e pragmáticas dos machismos em nosso cotidiano. Machismos que se traduzem,

por isso, em inumeráveis e sutis circunstâncias e contextos, não se tratando apenas de violência física ou de tratamento formal em desigualdade contra as mulheres.

Referimo-nos a machismos - diversos, ubíquos - que seguem instituindo e performando uma enormidade de códigos e comportamentos - os quais estereotipam a subalternização, a invisibilização, a secundarização e a tutela moral e disciplinar das mulheres e de seus corpos; esvaziando e desumanizando as suas expressões e comportamentos vitais. São supinamente pequenos gestos e atitudes cotidianas de homens - e residualmente de mulheres - que seguem perseguindo e reproduzindo estereótipos de gênero como marcadores subjetivos de valores e comportamentos patriarcais.

Trata-se do homem que nunca admite ter cometido um erro diante da mulher, que arroga inalienavelmente a si o direito de, por último, ter razão em todas as situações e decisões... a serem referendadas por suas ideias e visões mais claras. De fato, os homens geralmente não admitem que uma mulher lhes interrompa em suas resoluções, pois que são convencidos, de meninos, que a eles lhes cabe naturalmente a liderança e a deliberação em praticamente tudo.

As mulheres, por sua vez, não são naturalmente chamadas às discussões senão como coadjuvantes, com papéis subsidiários, assistenciais, de apoio e suporte em detalhes relativos a sentimentos, mas nunca à determinação e condução de conteúdos de importância ou decisivos. Seguem, assim, os vestígios de uma cultura civil em que as mulheres ainda são relativamente incapazes para pautas como a vida política, administrativa, corporativa.

Mas por que culturalmente *machismo e patriarcalismo* seguem se perpetuando em nossas sociedades? Em primeira instância, muitas das questões as quais alicerçam as desigualdades essenciais de gênero permanecem inscritas como verdades biológicas e mesmo como preceitos religiosos... os quais não podem ser moral nem institucionalmente subvertidos, para alguns sequer questionados. Seriam limitações concernentes à sabedoria ou à lógica da própria natureza, ou da vontade divina, conforme a disposição íntima que atesta a insuficiência das mulheres ante o alvedrio, a força, a clareza e a determinação dos homens. Assim, segundo as circunstâncias da própria constituição física e psíquica das mulheres - por sua natureza supostamente sensível, frágil, dependente, emotiva - a elas devem ser destinadas apenas as atribuições de assessoramento aos homens e de manutenção de cuidados, jamais as funções que exijam precisão lógica, rigor e controle (Cf. LEAL, 2012, p. 04).

Disso se segue que, a despeito da atual igualdade formal de direitos, preceituada pelo ambiente democrático de reservas e garantias legais, as mulheres continuam e continuarão subalternizadas aos homens, secundarizadas pela condução prática de um mundo machista -

que as sub-roga às exigências de reconhecimento da supremacia masculinista. Por último, as mulheres seguirão *menos importantes*, ainda que façam exatamente as mesmas coisas que os homens - porque culposamente induzidas aos mesmos erros. Por outro lado, aos homens permanecem/permanecerão vetados todos os papéis que seriam marcadamente femininos, pois que avessos à sua natureza de comando e controle.

Isso se dá porque dos homens se seguirá exigindo continuamente que *demonstrem serem homens*, ao que equivale dizer: subjetivamente merecedores de todos os seus benefícios e privilégios, dignatários do legado e da proeminência de seus falos; ao passo que não se fará nunca a mesma exigência das mulheres. Às mulheres, enfim, haverá crescentemente mais a outorga democrática de reconhecimento formal - na suposição de assimilarem, conforme os seus pares, a derivação em decalque das potências do masculino. Aos homens não lhes deixará, contudo, de ser requisitada a demonstração de sua macheza - o que lhes exige comprovar que são sempre superiores às mulheres *em tudo o que se decidirem a fazer*. E disso se continuará reduzindo as mulheres - à compreensão e ao imaginário masculinos - como coisas, objetos ou instrumentos ideais dos desejos e necessidades dos homens no mundo (Cf. SAFFIOTI, 2001, p. 121).

A pergunta que nos fazemos é: *por que esse machismo em todas as suas expressões e atualizações é tão tóxico para a vida de mulheres e homens?* Na tentativa de compreendermos a tributação de nossas sociedades aos distintivos patriarcais, destacamos o que a psicanalista mexicana Marina Casteñeda (2006) nos fala a respeito do apelo *de ainda criarmos os meninos como machinhos*: “criar um menino implica em fazê-lo acreditar-se como rei do mundo, o que potencializa o seu nível de frustração e de amadurecimento a um eterno ressentimento diante das negações” (CASTAÑEDA, 2006, p. 37).

Por óbvio que esse nível de formação e de educação, destacado de acordo com o binarismo essencial de eleição e confirmação da herança patriarcal do mundo, potencializa desde muito cedo a violência e a incapacidade dos meninos em lidarem com as diferenças, as discordâncias e as diversidades. *Torna-se inadmissível a um machinho que adentra a vida adulta a constatação de que tod(a)os não reconhecem a sua superioridade, a sua destinação* - além de naturalmente inaceitável o fato de todas as mulheres não se lhe apresentarem como assistentes ou coadjuvantes (Cf. CASTAÑEDA, 2006, p.37). Esses adolescentes e jovens homens se vêm, por isso, extremamente imaturos para relações de cooperação e amizade, inseguros, ressentidos e decepcionados invariavelmente com as promessas descumpridas de seus egos falocêntricos.

Disso se infere que educar meninas e meninos de modo diferente - conforme as prescrições de um binarismo essencial de gênero, *para o cumprimento do que se espera socialmente de homens e mulheres* - reproduz inteiramente essa lógica dos estereótipos de comportamentos e performances hierárquicos, segundo o que as mulheres devem seguir opressivamente como decalques, derivações das posições e determinações masculinas. Diga-se que, *para se criar um machinho*, é exigido - ainda segundo Castañeda (2006, p.38) - que as meninas se tornem - por fim - mulheres igualmente submissas e conciliadoras, neuroticamente amorosas e a tudo atentas em suas posições às dos homens: mobilizadas, por último, às perspectivas de reprodução hierárquica do controle e da disciplina patriarcais.

Diante disso, o debate sobre a atualidade e a importância da promoção das *práticas de masculinidades positivas*, para além dos essencialismos e das opressões de gênero, é algo inadiável: na política, na educação e na sociedade, modo geral. Fazer compreender criticamente *a toxicidade e a fragilidade de todos os tipos e incidências de machismos* é, provavelmente, o meio mais eficaz de combate a todos os tipos de violência e opressão contra as mulheres e as demais minorias sexuais. Na promoção da auto reflexão de suas atitudes, na compreensão histórico-social dos complexos que gravitam em torno da formação tradicional das identidades masculinas, tornam-se os homens e os meninos os atores da construção de sociedades em que se combate conscientemente a disseminação de injustiças e desigualdades - resultantes na desumanização de toda(o)s.

Abjurar, no entanto, as masculinidades tradicionais - segundo as quais é referendado o reconhecimento tácito da superioridade do masculino e da *missão instintiva de disseminação de seus gens* -, em troca da atitude ética em construção da igualdade entre os gêneros - para além das imprecações de identidades e sexualidades - não é, para a maioria dos homens, tarefa nada fácil. Na verdade, significa, para quase todos, *abdicar dos cetros portentosos que veem em seus falos*, senão traírem a sua própria natureza, ou sentirem-se como as *mulherzinhas*, os sensíveis efeminados - *que eles aprenderam a abjetar desde a primeira idade*. Como nos mostra Cunha (2014), prevalece ainda, indefinidamente,

(...) a noção de que, nas sociedades patriarcais, o homem é, a partir do falo, construído socialmente como homem, sendo constantemente educado para prover, comandar, atingir seus objetivos, trabalhar e conviver no espaço público. Enquanto que a mulher, a partir da vagina, é tornada socialmente mulher, sendo educada para cuidar dos outros, da casa e da família, devendo ceder, obedecer e se preservar, permanecendo no espaço privado (CUNHA, 2014, p. 151).

Como podemos perceber na fala de Cunha (2014), as representações sociais em torno do masculino se associam quase que automaticamente à autoridade e ao comando de efeitos e dispositivos de poderes. Por isso, poucos são os homens - todos os tipos de homens - que se mostram prontamente abertos à disposição política de perderem a autoridade que lhes outorgam as identidades e as diferenças essenciais entre o masculino e o feminino. Sob esse aspecto, o debate e a agência - *a propósito das masculinidades positivas* - promoveriam, cada vez mais, o entendimento de que as ações e os efeitos dos diversos machismos - dos mais sutis aos mais violentos e desumanizadores - *são tóxicos!* E existencialmente prejudiciais *também para os sujeitos masculinos*. Educar para a igualdade de gênero, para além de todo o receio de *meninos e homens perderem a sua macheza e se parecerem mais femininos*, traria, portanto, inúmeras vantagens para todo(a)s, no combate a diversos espectros de violências em nossas sociedades - físicas, psíquicas, jurídicas e institucionais.

Apostamos nessa promoção política e educacional inclusiva, de igualdade de gênero, como a mais eficaz e efetiva no combate à violência contra as mulheres e as demais minorias sexuais, sobremaneira na perspectiva de que os homens passem a *politicamente compreender que não são em nada superiores às mulheres*, que não lhes cabe, frente a elas, senão a *equidade de oportunidades e direitos*; não lhes competindo, em desvantagem delas, nenhuma prerrogativa específica, muito menos privilégios em razão de *simplesmente serem homens*. Ao contrário, em equilíbrio de todas as injustiças, abusos, explorações e excessos machistas da cultura patriarcal, as masculinidades positivas hão de promover a colaboração para a efetivação de políticas inclusivas e compensatórias dos resultados materiais e simbólicos de desumanização das mulheres em nossas sociedades.

As sociedades são, afinal, o resultado histórico de longos e maturados processos culturais e políticos - os quais justificam as posições de supremacia do masculino e de opressão do feminino, conforme os interesses dos que presidem as forças e as lógicas que administram as regras do jogo capitalista e patriarcal (Cf. BUTLER, 2015, p. 32). O capitalismo, por suas insígnias, perpetua-se na base da manutenção de diferenças essenciais, segundo as quais seguem desdobradas e distribuídas ordens e imposições de hierarquias, oficinas e expedientes de controles e disciplinamentos - para a (re)produção das condições de exploração da vida. A sua lógica crua de exploração se desbasta e autentica precisamente nas imantações ideológicas de *senhorio sobre a vida e o trabalho*, portanto na preeminência dos homens sobre as mulheres, nas distinções da ciência e da moral burguesas sobre o vulgo e na colonização *civilizatória sobre os bárbaros...* além de todas as dependências e violências socialmente instituídas por intermédio da formação dessas desigualdades.

Fazer, então, acreditar que *mulheres dependem essencialmente de homens* é uma dessas regras de ouro para a perpetuação do capitalismo, do patriarcado e de suas desigualdades materiais, ao lado do investimento ininterrupto dos poderes em formas institucionais e convenções morais - de acordo com as quais devemos, *como subjetividades às quais foram outorgadas garantias e reservas democráticas*, seguir nos esforçando: *a fim de reproduzir padrões tradicionais de normalidade, segurança, justiça e manutenção das ordens sociais*. Entretanto, na contramão disso, a fim de que efetivamente se combata a base de todas as injustiças históricas de violências e opressões, há que se compreender que a igualdade formal ou o acionamento à ordem discursiva de direitos não corresponde - de modo algum - à solução definitiva para a atribuição material de equilíbrio das desigualdades.

O embuste dos procedimentos formais de administração e distribuição jurídica da justiça, de declarações e presunções de igualdades da lei, conserva-se perfeitamente no bojo da dominação política capitalista e masculinista. Portanto, antes do embargo de quaisquer aspectos exteriores - aliás, de quaisquer formas de garantias e reservas legais -, o que precisamos é *trocar existencialmente nossos modos de ser e comportamentos vitais*: por disposições e atitudes éticas progressistas, não mais distendidas às cooptações autoritárias de valores, privilégios e confirmações funcionais. Em outras palavras, a fim de que, consequente e definitivamente, se ponham abaixo as reproduções *essenciais e sexistas de diferenças*, há de se agir para além de quaisquer determinações legais ou quaisquer marcadores formais de identidade.

Por último, no que toca a luta pela igualdade de gênero, o que politicamente precisamos é *trocar de cartas* (subverter as regras dominantes de todos os nossos consensos jurídicos, éticos, estéticos e epistemológicos), porque *o baralho com o qual seguimos jogando é internamente viciado* - para seguir explorando, trapaceando, dominando e violentando *a(o)s não-homens* em matéria de gênero.

As masculinidades positivas questionam, aliás, o fato de os homens continuarem a se tornar *os assimiladores gerais dos valores, das ideias e das regras de dominância social* - introjetados na conformação de subjetividades privilegiadas: *premiadas com um pinto*, dotadas de um corpo do qual se diz *naturalmente mais apropriado ao enfrentamento dos desafios do mundo*, com uma cabeça - ou com duas - que pensa(m) de modo mais adequado *às exigências e às demandas mais urgentes da sociedade* (e que naturalmente têm as melhores e mais disseminadas ideias).

As masculinidades positivas podem igualmente desarticular, nos meninos e nos homens, a emulada necessidade de lhes serem sempre atribuídas todas as distinções e

lideranças, tanto quanto de se vitimarem diante das mulheres *por todo o esforço viril que supostamente têm de fazer para sustentá-las* - a fim de serem por elas, física ou emocionalmente, *cuidados*, ou ainda com o intuito de - consciente ou inconscientemente - amolecê-las e dobrá-las *para que lhes cumpram pequenas tarefas*, e se livrarem de sua parte igual ou direta nos trabalhos de produção e conservação da vida.

As masculinidades positivas abrem mão, enfim, das manipulações que categorizam e culpabilizam as mulheres conforme preceitos morais de *recato, cuidado, servidão, comedimento, sensibilidade e obediência*. Os homens positivos podem também renunciar *estar sempre no comando*, sabem que qualquer uma ou qualquer um pode realizar qualquer trabalho que seja - desde que se dedique e se prepare para tanto, independentemente de qualquer contingência de gênero. As masculinidades positivas não tratam, por igual, as mulheres de forma *cavalheiresca*, não veem nelas *donzelas, nem alvos delicados e amáveis de sua corte*, não as creem frágeis nem indefesas nem ineptas.

Do que disso se segue, os homens positivos - todos os tipos de homens positivos - não se desfazem das opiniões, das ideias e dos sentimentos das mulheres - como a infantilizá-las ou a diminuir-lhes as competências e habilidades. Do mesmo modo, não minimizam as suas presenças e as suas atuações *com mimos ou caricaturas ridículas*. Os homens positivos não veem na resistência e na luta feminista nenhum exagero, nem acham engraçado o fato de mulheres exigirem tratamento igualitário. Ao contrário, eles são apoiadores das mulheres em suas lutas pela igualdade de gênero - posto que jamais ativistas, muito menos protagonistas ou procuradores das lutas e direitos das mulheres.

Os homens positivos não acham, conseqüentemente, uma perda de tempo nem uma histeria nem um contrassenso falar de sexismo e privilégios masculinos no dia a dia. Aliás, eles compreendem historicamente os lugares de submissão e exploração os quais foram impostos pelo patriarcado às mulheres - e não veem a persistência de vantagens e privilégios masculinistas senão como desonestidade e espoliação histórica. Os homens positivos abjuram, pois, todos os machismos - escrotos ou sutis -; desmobilizam, esforçam-se por desmontar, esses machismos em suas formas pessoais de ser, em suas próprias visões de mundo, nas formulações dos seus desejos - *sem receio de se parecerem efeminados com essa decisão política*. Eles entendem, por último, que *esses machismos também os desumanizam* numa dimensão específica de fragilização, de captação produtiva das desigualdades hierárquicas, de toxicidade e de inculcação subjetiva de culpa, repressão e controle, e também em seus modos de ser e comportamentos de vida - justamente ao preço do que a sociedade lhes exige *para a escrotização das mulheres e das minorias sexuais*.



Os homens positivos sabem também que as mulheres não têm nenhuma necessidade essencial de lhes invocar apoio, reconhecimento, aprovação ou autorização para o que pretendem fazer ou para o que quer que seja, tampouco acham que elas lhes fazem perguntas ou demandam alguma colaboração *porque não sabem o que fazer ou como se virar sozinhas*. Eles entendem - emocional e racionalmente - que *mulher nenhuma precisa de macho para sobreviver*. Compreendem que as mulheres não são - nem por natureza, tendência, dotação ou instinto - *provedoras, passivas, maternais, sensíveis, dedicadas, delicadas, próximas, fracas, dadivosas, generosas, disponíveis, emotivas, religiosas ou obsequiosas*. Eles começam a entender, aliás, que sabem *muito pouco ou quase nada sobre as mulheres* - haja vista que o seu *mister masculino* tem lhes exigido, substancialmente na história, *ignorá-las e lhes falsificar a existência*.

Além disso - sobretudo - os homens positivos entendem *que vivem em conjunturas sociais fundamentalmente machistas*, e que eles mesmos - as suas subjetividades, os seus conhecimentos, valores, opiniões e visões de mundo - são atravessados, contrafeitos e conflitados originalmente por sexismo, misoginia e patriarcalismo (em maior ou menor dimensão, em uma que outra situação invariável de suas vidas). Entendem, ainda, que lhes compete - no exercício ético de si mesmos - desmontar os machismos que lhes presidiram a construção de suas identidades, a formação de suas próprias subjetividades e a orientação de praticamente todas as suas representações simbólicas e sociais: *sobre o seu falo e o lugar que dele é derivado às mulheres* - e, por exceção, *também aos viados todos que negaram a herança do seu pinto e a sua ordem*.

Esses homens positivos se esforçam, por fim, para se tornar sujeitos que buscam - *no conhecimento de si mesmos* - o meio da autocrítica de seus papéis e disposições de gênero - os quais lhes foram incutidos ou introjetados desde a infância. Não consentem, portanto, de nenhuma forma - nem silenciosamente nem em nenhum ambiente ou situação -, em contextos e comentários machistas, ou de menosprezo das mulheres e das minorias sexuais. Não seguem sendo amigos *a toda a prova* de homens declaradamente sexistas, misóginos, LGBTTfóbicos e patriarcalistas; compreendem que, de forma alguma, as desigualdades e os preconceitos de gênero podem ser esvaziados ou tratados como *problemas menores e sem tanta importância*.

Os homens positivos não corroboram, assim, com as asserções de que as violências e as opressões sofridas rotineiramente pelas mulheres, e pelas minorias sexuais, são problemas de caráter *humanitário e universal*. Isso porque eles entendem, especificamente, os mecanismos e dispositivos de exploração e opressão de gênero, enxergam as suas injustiças e desumanidades precisamente a partir *das projeções dos seus próprios machismos*, e

colaboram por combatê-las. Eles entendem os motivos pelos quais a crítica ao binarismo e a superação das reproduções de estereótipos de gênero correspondem a uma prioridade política - para um mundo socialmente mais justo -, ainda que não se vejam eles mesmos como os tutores ou os responsáveis por nenhum projeto revolucionário em prol das mulheres, tampouco se enxerguem como ativistas verdadeiros das causas das mulheres e das minorias sexuais.

Os homens positivos assumem igualmente todos os *serviços chatos e rotineiros, inerentes às suas próprias atividades vitais*, sem se gabar em nada por causa disso, sem esperarem qualquer reconhecimento, cumprimento ou gratidão pelo trabalho realizado - que simplesmente lhes era devido -, e têm consciência de que às mulheres sempre lhes foi injustamente impingida, senão a totalidade, a sobrecarga servil desses ditos *afazeres domésticos* - além de todas as outras atribuições e *obrigações* que sempre acumularam e que, cada vez mais, se veem compungidas a assumir. Eles compreendem, portanto, que às mulheres, historicamente, sempre lhes foi e ainda é imposta uma dupla ou tripla jornada de trabalho. As mulheres que fazem parte de suas vidas não têm, enfim, de reclamar ou protestar para que eles *se mexam e tomem conta de suas próprias responsabilidades*.

Os homens positivos são, pois, aqueles que entendem - com relação à manutenção da casa - que todas as tarefas são do(a)s que igualmente compartilham daquele ambiente doméstico, sem qualquer exceção... que o cuidado com o(a)s filho(a)s - *todos os cuidados* - devem ser igualmente compartilhados, sem se diferenciar a educação das crianças por quaisquer questões dicotômicas de gênero. Eles empregam a mesma quantidade de tempo, energia, esforço e dinheiro que as mulheres para cuidar da casa e do(a)s filho(a)s.

Os homens positivos entendem, dessa forma, ter de colaborar para tornar o ambiente de todas as suas atividades compartilhadas com as mulheres um ambiente seguro e confortável também para elas, sem que nunca se vejam na condição de conduzir, direcionar ou engajar *o favor das mulheres* - pelo fato de *serem mulheres* - para a adesão, envolvimento ou cumprimento de causas, demandas, tarefas e necessidades que lhes sejam próprias. Os homens positivos abrem, consequentemente, mão de *tomar muito espaço* em qualquer grupo, ou de gerenciar com exclusividade as atividades, porque eles entendem que esse ainda é um imperativo prático para as mulheres, na maioria das situações de grupo ou de trabalho em equipe.

Os homens positivos jamais fazem qualquer piada ou gracejo quanto à moral de qualquer mulher ou sobre o uso do seu corpo, entendem que o corpo da mulher esteve invariavelmente reificado aos agenciamentos da exploração masculina. Por conseguinte, eles

não requerem de suas parceiras a satisfação unilateral de suas fantasias sexuais ou, ao menos, não impõem isso como condição ao namoro ou à relação sexual satisfatória. Sabem definitivamente que, se não houver claro consenso ou negociação mútua nos jogos sexuais, estarão potencialmente abusando da mulher e do seu corpo, coagindo a vontade da parceira. Os bons parceiros, enfim, desejam saber o que excita as mulheres, não as veem apenas como anteparo ao seu gozo pessoal.

Os homens positivos entendem, aliás, que - potencialmente - as suas parceiras podem ter sido sujeitadas a situações pregressas ou atuais de abuso e/ou violência física, psíquica e/ou sexual, por compreenderem que o mundo das relações íntimas e amorosas é marcado socialmente também pelo machismo e a exploração das mulheres pelos homens. Os homens positivos são os que, ademais, de maneira enfática, sabem que *não têm nenhum direito de trair afetivamente a parceira*, além daquele que ela mesma também tenha. Os parceiros positivos recebem também a necessidade da mulher de *discutir machismo como algo vantajoso para o relacionamento*, não como um aborrecimento ou perda de tempo. Buscam certamente conhecer do corpo da mulher, dos seus ciclos hormonais, menstruais, das suas especificidades anatômicas e fisiológicas, sem jamais fazerem piada ou desmerecem a mulher por causa de suas tensões pré-menstruais, dos enjoos e transformações da gravidez, do seu estado puerperal.

Os homens positivos não são, em nenhuma hipótese, os que julgam as normas para a vida social, para as decisões profissionais ou para as situações de lazer e entretenimento das mulheres. Eles são os que buscam entender que *não há assuntos nem programas só de homens nem só de mulheres*; não distinguem, afinal, as suas amizades por quaisquer contingências de gênero. Não assediam mulheres nem por brincadeira; não as cercam, não as envolvem fisicamente sem o seu inequívoco consentimento - *brincadeiras machistas não são senão insultos e abusos!*

Os homens positivos subvertem os seus desejos e as suas atrações sexuais para além dos padrões estéticos de privilégio da sociedade racista-elitista-midiática, não inferem diferenças essenciais para a eleição das parceiras - do tipo *pretas e pobres são apenas para curtir*, do tipo *brancas e capa de revista são para namorar e casar*. Os homens positivos, definitivamente, entendem a ciclópica opressão/incitação sobre os corpos e as representações sociais dos padrões femininos - a fim de que as mulheres neuroticamente se adequem às medidas e aos valores obsessivos do *mainstream* midiático e das convenções morais burguesas. Eles entendem conscientemente que as mulheres têm enfrentado diversos tipos de

problemas e opressões... com os seus cabelos, com a sua estatura, com os seus corpos, com as suas roupas, com as suas medidas, com as suas dietas...

Os homens positivos, igualmente, jamais presumem que uma mulher não saiba executar uma tarefa; eles têm, por seu turno, a disposição de pedir a uma mulher *que lhes mostre/lhes ensine a fazer o que quer que seja*. Um homem positivo não fica na defensiva nem emocionalmente *para baixo* quando uma mulher lhe chama a atenção sobre qualquer aspecto de seu machismo ou sobre demonstrações de patriarcado em sua conduta - e pensa sinceramente no que ela lhe diz ou expõe. Ele nunca acha que ela pode estar exagerando quando reporta evidências de sexismo, abuso e desigualdade de gênero em suas relações cotidianas. Como extensão dessa compreensão, homens positivos não usam intimidação, gritos, ameaças em nenhuma situação de discordância e disputa. Não exercem nenhum tipo de abuso ou opressão psicológica, pelo simples fato de terem *opositoras ao invés de opositores*.

Os homens positivos compartilham as suas ideias a respeito das reais necessidades de *se livrarem dos seus machismos* - juntamente com outros homens -, e pensam frequentemente na injunção política de combaterem as demonstrações e expressões de machismos em todas as instâncias sociais. Percebem que todos os homens têm de trabalhar temas relativos ao patriarcado, ao sexismo, à misoginia e à LGBTTfobia, *buscando o seu próprio desenvolvimento pessoal anti-patriarcal*. Isso porque entendem que os machismos, além de estarem em toda parte, presentificam-se também na circunspecção de suas próprias identidades masculinas, e mesmo na formação de suas subjetividades heteronormativas (previsivelmente avessas às formas da feminilidade).

Por outro lado, os homens positivos devem se reservar de objetar que *também as mulheres e os sujeitos LGBTTs reproduzem o sexismo*, haja vista que percebem, por último, que *são somente eles - principalmente os homens heteronormativos - que se beneficiam diretamente das produções desse sexismo*; entendendo, daí, que não têm o direito de chamar a atenção das mulheres e dos LGBTTs por mais um aspecto de repreensão. Afinal, todo homem se beneficia da estrutura de dominação e de privilégios do supremacismo masculinista, *pelo simples fato de ser homem*.

A palavra *machismo*, e tudo o que ela representa, não pode - em nenhum desses sentidos - ser esvaziada, mitigada ou relativizada em contextos formais de proporção ou comparação atenuante. Afinal, *os machistas* não são somente os que agredem, abusam, estupram e exploram diretamente mulheres e minorias sexuais. Eles não estão distantes de nós - *eles somos nós mesmos!*

Compreendemos, portanto, que o problema crucial de gênero em nossas sociedades é, inexcusavelmente, o machismo estrutural - constitutivo de nossos próprios valores e comportamentos de vida. *Machistas*, portanto, *somos todos* - numa menor ou maior dimensão, queiramos ou não, reconheçamos isso ou não. O que acontece é que, para as mulheres, os machismos introjetados e disseminados até hoje só trouxeram desvantagens. Para os homens, vantagens e desvantagens... tendo em vista a enorme gama de privilégios e benefícios desfrutados em nossas sociedades pelos homens - *pelo simples fato de serem homens*, ainda que estes não se deem conta disso.

Em todos os contextos sociais e culturais dos diversos tipos de machismos, as mulheres enfrentam, enfim, muito mais medos, inseguranças e ameaças reais do que quaisquer homens, e isso *apenas pelo fato de serem mulheres*. Em quase todas as sociedades e culturas, as performances e os códigos de gênero feminino seguem marcados e estigmatizados como corpos, expressões e produções - simbólica e moralmente - inferiorizados *em relação às distinções do masculino*. Do que de tudo isso se conclui, os homens, *só pelo fato de serem homens*, historicamente receberam, e ainda recebem - notadamente quanto aos critérios de gênero -, *muito mais do que a outra metade da humanidade*. E, somente por isso, já poderiam abrir mão de algumas regalias em relação às mulheres e aos outros sujeitos não alinhados à masculinidade.

A pergunta é: será que nós, homens - *todos os tipos de homens* -, podemos renunciar a algumas de nossas regalias e privilégios históricos em favor, não apenas das mulheres e das demais minorias sexuais, mas da compensação por mais justiça e igualdade social - com vistas à construção de sociedades menos desiguais e mais humanizadas?

Por certo que, *decidida e sistematicamente*, abdicarmos de privilégios, benefícios, preferências e licenças é um grande desafio... Entretanto, a questão que politicamente ora nos compunge *não é a de um favor ou simples concessão a uma causa* (Cf. LEAL, 2012, p. 97). Preocuparmo-nos e empenharmo-nos com a luta pela igualdade de gênero, entre homens e mulheres - de quaisquer identidades e/ou orientações sexuais -, assume, em nosso tempo presente, a dimensão do desafio ético de nossa mesma reinvenção como humanidade, em detenção definitiva de quaisquer forças ou licenças as quais pretendam seguir autorizando a propagação de mais violências e de mais mortes. Lembremo-nos, por fim, de que *o machismo mata*. Mata também a homens e mulheres.

## 5. METODOLOGIA DA PESQUISA

Com base no que nos informa a leitura de Leal (2012), partimos do pressuposto de que muitos homens, ainda que cisgêneros e alinhados às suas identidades e orientações heterossexuais, sentem-se socialmente incomodados e mesmo fragilizados e infelizes com muitas das imposições e dos papéis inerentes às hierarquias e às performances dominantes de gênero, as quais lhes são tradicionalmente infligidas. Veem-se, no mais frequente, pressionados pelo sistema patriarcal e pela moral burguesa a cumprirem códigos machistas de conduta e comportamento, os quais - modo geral - os qualificam como fracos, *mulherzinhas* ou *bichinhas* praticamente todas as vezes em que queiram demonstrar as suas emoções, de maneira mais aberta e espontânea. Sentem-se igualmente tolhidos nas situações públicas em que lhes é vedado serem carinhosos, amorosos, temerosos e mesmo afetivos, seja com relação às mulheres ou aos amigos homens com quem convivem.

Muitos desses mesmos homens não se comprazem, outro tanto, nas licenças e insígnias *da macheza* - que supostamente lhes autorizariam portar-se de maneira mais abusiva, vantajosa, ríspida e preconceituosa com as mulheres e com as demais minorias sexuais. Diante dessas constatações, podemos perceber a incidência de muita toxicidade - detectada também pelos próprios homens - em suas formas vigentes, privilegiadas e potencialmente ofensivas de masculinidades.

Informados pelo levantamento teórico realizado - Saffioti (2001), Butler (2015), Castañeda (2006) -, que nos habilita à compreensão dos binarismos e das desigualdades essenciais de gênero como a causa primordial dos preconceitos e das violências sexistas contra as mulheres e as demais minorias sexuais, partimos à compreensão da necessidade de postulação de novas performances masculinas de gênero em nossas sociedades, as quais se mostrem mais respeitosas, inclusivas e libertárias - além de, consequentemente, menos reprodutoras de práticas de violência, dominação e controle a partir dos dispositivos sociais de gênero e sexualidades.

Almejamos, consequentemente, a construção social de novas masculinidades - as quais se pautem positivamente em atitudes anti homófobas, anti sexistas e anti misóginas, avessas a todas as formas e expedientes que ainda imantem e associem as identidades e performances masculinas à rispidez, ao controle, à violência e à dominação. Por meio da leitura de Leal (2012), chegamos, então, à divisa dessas *novas masculinidades positivas* e as entendemos, doravante, como práticas as quais devem ser formuladas e fomentadas politicamente através

da promoção do debate e da educação: *para a construção de novas possibilidades de identidades e subjetividades masculinas no tempo presente - alinhadas à promoção da igualdade de gênero e ao enfrentamento das injustiças e violências de base sexista.*

A proposição central disso consiste no incentivo dos homens - *de todos os tipos de homens* - a práticas sociais e políticas de solidariedade, cooperação, liberdade e afetividade - notadamente com relação ao estímulo de suas cidadanias *em apreço, valorização e abertura às diversidades sexuais e às identidades de gênero não binárias.* Trata-se do investimento social no esforço - de empenho ético e atitudinal - de homens positivos: tornados conscientes da necessidade de superação das tradicionais expectativas de suas performances masculinas, as quais ainda soem reproduzir *frieza, controle, censura e detenção*, ao invés de *acolhimento, cooperação, tolerância e respeito* ante as diversidades sexuais e as diferentes identidades de gênero.

A autocrítica a propósito da toxicidade pessoal e social de identidades e performances de gênero - tradicionalmente machistas - não é, no entanto, algo que se construa entre os homens, facilmente, apenas com base em pressupostos e exigências formais. A força da representação social dos papéis e das prescrições machistas - reprodutores de autoridades e violências de gênero - sobre as identidades e as formações subjetivas masculinas é algo muito arraigado, disseminado em pressupostos masculinistas e patriarcais que têm se disseminado continuamente em nossas culturas, e homem nenhum os questiona sem muitas dificuldades, ameaças e enfrentamentos.

A educação em torno das possibilidades do exercício de novas masculinidades positivas há de se mostrar, então, como incentivo político de práticas diuturnas e convincentes às contemporizações de igualdades, em superação humana das exigências - ainda hegemônicas - dos machismos reprodutores de injustiças e desigualdades em nossas sociedades. Os homens, modo geral, veem-se, então, com a necessidade de ainda descobrir espaços, experiências e vivências os quais lhes permitam, por exemplo, as suas demonstrações mais francas de afetividades e sentimentos - sem constrangimentos ou coações -, além do que se sintam estimulados em se tornarem mais colaborativos com as mulheres, menos violentos, mais amorosos, carinhosos, afetivos e cuidadores do seu ambiente familiar. Tudo isso sem se preocuparem com o que os outros vão pensar a respeito da sua masculinidade. Afinal, a ideia é a de que *ninguém* deixa de ser homem, ou seja, *perde a sua masculinidade*, se deixar de ser machista, egocêntrico e orgulhoso.

A pergunta é: como conscientizar os homens tradicionais - *preponderantemente machistas* - a respeito da importância política, social e pessoal dessas novas formas de masculinidades positivas? Ora, certamente estimulando a sua percepção autocrítica - ética, política e pessoal - de que as produções sociais e as determinações hierárquicas do patriarcado e das masculinidades hegemônicas tradicionais também lhes oprimem e violentam... portanto, não só às mulheres... pois que lhes são igualmente impostos e exigidos, ainda que sob outras formas e especificidades, diversos papéis mantidos à custa de sofrimentos e de negações - neles/deles e nas/das pessoas com quem convivem. E diante desse se desdobra outro questionamento, então de ordem prática: como o debate em torno das masculinidades positivas, ou não tóxicas, pode contribuir para a reflexão e o combate à violência contra a mulher?

A mudança positiva a propósito das masculinidades - e do que socialmente lhes consubstancia ante a igualdade, ou não, de privilégios e concessões frente às diferentes identidades de gênero - pode ocorrer por diversos fatores e situações: como, por exemplo, no trabalho imprescindível de reabilitação social de homens que agrediram ocasionalmente as suas companheiras, ou na determinação de diretrizes pedagógicas fundamentais, das políticas didático-curriculares, em todos os níveis educacionais, para a promoção da igualdade de gênero e o enfrentamento dos diversos tipos de violência contra as mulheres e os sujeitos LGBTT.

O que é certo é que, *para que haja qualquer mudança efetiva na maneira como se encaram e se propagam as violências e as desigualdades de gênero, necessita-se do sistemático trabalho positivo sobre/com as masculinidades* - pois que, na maioria imensa das vezes, são eles, os *homens tradicionalmente machistas* - quase sempre desde a infância -, os responsáveis pelos abusos e agressões contra as mulheres e os sujeitos LGBTT - na medida em que ainda se creem ou se veem cooptados na trama sexista e cultural de terem de demonstrar, como homens, *quem são...* e que são eles os que, por último, *mandam* em qualquer contexto.

Diante dessa conjuntura e de seus desafios, a ordem prática nos concita à atuação e à intervenção local em diversas frentes de educação e promoção humana/ cidadã contra as desigualdades e injustiças de gênero. Na realidade do cotidiano institucional da UNILAB, há a possibilidade e a perspectiva de se trabalhar a crítica e a autocrítica das masculinidades machistas, e a consequente promoção das masculinidades positivas, no espectro de ações do Núcleo de Políticas de Gênero e Sexualidades (NGPS/UNILAB): participando de seus grupos de estudo e pesquisa, colaborando no encaminhamento dos debates e das discussões em



enfrentamento positivo dos casos de violência contra as mulheres - os quais têm sido tão recorrentes em nossa comunidade acadêmica e em seu entorno -, colaborando ainda nas manifestações e movimentações da comunidade em torno das denúncias e da necessidade de combate a todas as formas de violências de gênero.

Compartilhamos do entendimento de Saffioti (2001), com relação à necessidade do engajamento político, institucional e acadêmico, em núcleos de promoção social e educacional como o NPGS/UNILAB, também para a propagação de ações em incentivo às masculinidades positivas e suas mudanças potenciais - em busca de mais igualdade e do fim das violências de gênero: “(...) trabalhando-se apenas uma das partes das relações violentas, não se redefinem essas relações, sejam elas maritais, filiais ou as que envolvem outras personagens. Há, pois, que se investir institucionalmente na mudança não só das mulheres, mas também dos homens” (SAFFIOTI. 2001, p.122).

Nesta mesma perspectiva, a pesquisadora e ativista das lutas por igualdade de gênero, em seu artigo sobre *Contribuições feministas para o estudo da violência de gênero* (2001), mostra o efeito positivo de se trabalhar ativamente nos núcleos institucionais com a promoção das masculinidades positivas, ao noticiar alguns resultados alcançados em uma ONG no estado do Rio de Janeiro:

O Noos, ONG situada na cidade do Rio de Janeiro, desenvolve trabalhos positivos bastante interessantes com agressores, discutindo as causas das suas condutas violentas em relação a suas companheiras. O sucesso tem sido enorme, uma vez que o *índice de recaída* (homens que voltam a perpetrar violências) tornou-se irrelevante (SAFFIOTI, 2001, p.123, *grifos da autora*).

Parece-nos, então, evidente, no que corrobora a demonstração de Saffioti (2001), que o trabalho institucional de incentivo e reforço sistemáticos sobre as condutas positivas dos homens, evidenciando-lhes a viabilidade de novas masculinidades positivas, pode ajudar - e muito - no combate às diversas formas de violências contra as mulheres e os sujeitos LGBTQ+. Acreditamos que o trabalho com os homens, na tentativa de lhes proporcionar o questionamento sobre os machismos existentes neles e a partir deles, pode ajudar a gerar novas masculinidades - na perspectiva das quais se torne mais viável a prática material da igualdade política de gênero entre homens e mulheres. Trata-se de algo que, acreditamos, pode e deve ser feito também aqui, especificamente por meio das ações do NPGS/UNILAB.

O objetivo almejado com a ação sistemática de promoção das masculinidades positivas é o de que também a UNILAB se torne um ambiente que receba melhor - com mais democracia, cidadania e humanidade - todas as pessoas em suas múltiplas diferenças de gênero e sexualidades. Para tanto, *ora propomos a ação específica*, com base nas pautas de

atuações já sistemáticas do NPGS/UNILAB, *de uma pesquisa-ação em integração da necessidade de promoção das masculinidades positivas em nossa comunidade acadêmica e institucional, e com os demais parceiros de atuação do NPGS/UNILAB.*

A *pesquisa-ação* é um tipo de pesquisa social que é concebida e realizada em estreita associação com a ação para o enfrentamento ou a resolução/encaminhamento de um problema coletivo de ordem prática, no qual o(a)s pesquisadore(a)s e (a)os participantes representativo(a)s da situação - da realidade a ser trabalhada e investigada - estão envolvidos de modo cooperativo e participativo (Cf. THOLLENT, 1985, p. 14). O delineamento prático da ação de nosso trabalho de pesquisa consistirá, portanto, no planejamento de ações e de formações sistemáticas, integradas às pautas de atuação e agendas do NPGS/UNILAB, em parceria com o Comitê Gestor de Direitos Humanos, também da UNILAB, e voltadas especificamente para a promoção dos debates e dos esclarecimentos em incentivo às masculinidades positivas - notadamente no âmbito da organização de cursos, palestras, formações e elaboração de material didático e informativo a respeito das causas e consequências sociais das culturas machistas da violência e da desigualdade de gênero.

Inicialmente, a ação consistirá no levantamento junto à coordenação do NPGS/UNILAB da agenda de ações e eventos planejados para o ano de 2018, no sentido de que se proponha a integração participativa das atividades específicas de formação, palestras, oficinas e workshops - pretendidas a respeito da divulgação das ideias e das práticas em torno da promoção das masculinidades positivas ou não tóxicas: suas vantagens e benefícios para a construção de uma cultura cidadã de paz, equidade e justiça social entre as diversas identidades e diferenças de gênero.

Do que disso se segue, estabelecido um cronograma dessas ações de formação, ação e intervenção a respeito da temática a ser trabalhada - a ser concertado juntamente com a coordenação, com o orientador e com a equipe de pesquisadore(a)s e trabalhadore(a)s bolsistas, ou não, do NPGS/UNILAB -, passar-se-á à elaboração de relatórios a respeito dos resultados e dos impactos positivos colhidos a partir das ações e intervenções de formação em promoção das masculinidades positivas nos públicos específicos - de escolas, comunidades, entidades de classe... mediante a aplicação de questionários semiestruturados ou da realização de entrevistas, as quais serão apresentadas e analisadas como produtos da pesquisa.



## 7. REFERÊNCIAS

BUTLER, J. Problemas de gênero. Feminismo e subversão da identidade. Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 2015.

CASTAÑEDA, M. O machismo invisível. A Girafa, São Paulo, 2006.

CUNHA, B. M. Violência contra a mulher, direito e patriarcado: perspectivas de combate à violência de gênero. In: XVI Jornada de Iniciação Científica de Direito da UFPR 2014, anais. Disponível em: <http://www.direito.ufpr.br/portal/wp-content/uploads/2014/12/Artigo-B%C3%A1rbara-Cunha-classificado-em-7%C2%BA-lugar.pdf>. Acesso em: 13 de Ago. 2017.

GROSSI, M. P. Novas/Velhas Violências contra a Mulher no Brasil. In: Estudos feministas. UFSC, Florianópolis, 1994. Disponível em: <http://miriamgrossi.paginas.ufsc.br/files/2012/03/16179-49803-1-PB.pdf>. Acesso em: 13 de Ago. 2017.

LOURO, G. L. Gênero, sexualidade e educação. Uma perspectiva pós-estruturalista. Vozes, Petrópolis, 1997.

LEAL, A. B. Las nuevas masculinidades positivas. In: Utopia y praxis latino-americana. Revista Internacional de Filosofía Iberoamericana y Teoría social. Año 13. N. 41. Pp. 93-106. Universidad del Zulia. Maracaibo. Venezuela, 2008.

SAFFIOTI, H. Contribuições feministas para o estudo da violência de gênero. In: Cadernos Pagu, N. 16. Pp 115-136. Unicamp, Campinas, 2001.

THIOLLENT, M. Metodologia da Pesquisa-Ação. Cortez, São Paulo, 1985.